

UMA DISCUSSÃO SOBRE O EXCESSO DE DIAGNÓSTICO NA PSIQUIATRIA

V Congresso Online Brasileiro de Medicina, 1ª edição, de 25/03/2024 a 27/03/2024

ISBN dos Anais: 978-65-5465-083-0

DOI: 10.54265/ZRDR7030

NOVAES; Maria Eduarda Dib¹, NOVAES; João Victor Dib²

RESUMO

INTRODUÇÃO: Atualmente, cada vez mais os indivíduos são bombardeados com informações, mídias e outros. Assim, diversas patologias, questionamentos e cobranças performáticas emergem do excesso e facilidade de acesso a qualquer conteúdo. Demanda-se uma maior procura aos serviços de Saúde Mental, acarretando no aumento de diagnósticos. **OBJETIVO:** Uma vez que se observa uma tendência aos sobrediagnósticos e a intensificação da prescrição de medicamentos, tem-se como objetivo um estudo sobre o excesso desses e seus resultados. **MÉTODOS:** Trata-se de uma revisão bibliográfica que utilizou as bases de dados PubMed para realizar uma busca com base nos seguintes descritores: Sobrediagnóstico, Psiquiatria, Medicalização. Os critérios de inclusão foram artigos escritos em inglês e português, totalizando 4 artigos utilizados. **DISCUSSÃO:** A definição do que é “normal” sempre foi buscada, tendo a filosofia, a sociologia e até mesmo a medicina tentado explicar. Foucault acreditava que a normalidade sofre modificações com o tempo, o espaço e as relações de poder no mesmo. Do mesmo modo, o significado da “anormalidade” é tão variante quanto. Para o psiquiatra Allen Frances, o “normal” cada vez mais é minado na sociedade a medida em que a psiquiatria elabora mecanismos mais simples para a determinação de diagnósticos e aceitação do suposto “anormal”. O DSM, guia diagnóstico na psiquiatria, possui uma definição de diagnósticos com contextos amplos e vagos, repercutindo no sobrediagnóstico e no aumento do uso de medicamentos. Allen explica que os “modismos psiquiátricos” do presente derivam da facilidade de acesso à informação e critica o livro, já que tende à simplificação e criação de padronizações globais de individualidades. O Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) e o Autismo são os diagnósticos mais frequentes. A crescente demanda do sujeito e a busca de definições bem delimitadas do “eu”, onde posso me alocar num nicho que me gere explicações sobre mim mesmo, torna-se cada vez mais comum. Pela performance, a busca de medicamentos como o metilfenidato aumenta exponencialmente com o passar dos anos. A medicalização é alimentada diretamente com a criação de novos transtornos e de maneira desproporcional é ignorada a reflexão dos tantos problemas futuros que pode acarretar. A grande “inflação diagnóstica”, baseada na patologização do ser, deve ser combatida. O abandono do estabelecimento de um diagnóstico de primeira impressão é preciso, compreendendo a incoerência de uma definição a partir de um simples recorte de uma situação, sendo imperativo o acompanhamento multidisciplinar. Ademais, é preciso que cada sujeito tenha uma ampla reflexão de sua subjetividade, de maneira que se torne possível o autoconhecimento de cada um e a compreensão da variedade das individualidades sociais. **CONCLUSÃO:** O sobrediagnóstico na psiquiatria possui diversas consequências. Ao passo que a demanda por medicamentos se intensifica, se restringe o conceito da normalização em nome das grandes demandas sociais. É nesse sentido que se cria o adoecimento coletivo e a tendência progressiva do agravamento com a crescente globalização. Logo, faz-se necessário o constante questionamento acerca dos diagnósticos. Afinal, cada ser é constituído por subjetividades únicas, não sendo imperativo que estas sejam caracterizadas como “anormais”.

PALAVRAS-CHAVE: Sobrediagnóstico, Psiquiatria, Medicalização

¹ Universidade do Grande Rio, mariadibnovaes@gmail.com

² Fundação Técnico-Educacional Souza Marques, joaodibnovaes@gmail.com

